

Peçamos a graça de nos maravilharmos todos os dias pelos dons de Deus e de ver as várias circunstâncias da vida, até as mais difíceis de aceitar, como ocasiões para praticar o bem.

Papa Francisco, *Angelus*, 19 de março de 2023.



Boletim de Espiritualidade

1 ABRIL 2023
Ano X Nº 106

106



Agenda abril 2023

- 1 **Braga** (UCP) – XII Jornada de Teologia Prática "*Ca(u)sa Comum: Uma Utopia?*" [🔗](#)
- 1 e 2 **Braga** (Casa de Soutelo) – O relógio da família [🔗](#)
- 3 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recolção – José Pinto [🔗](#)
- 13 a 16 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 14 a 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Como ganhar a vida sem perder a sua alma [🔗](#)
- 12 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: *Ainda faz sentido falar em "Ressurreição"?* [🔗](#)
- 13 a 16 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 15 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 19 **Carregosa** (Centro paroquial) – Formação: *Uma visão mistagógica da Liturgia da Palavra* – P. Nuno Pereira [🔗](#)
- 20 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 20 **Ávila** (CITEs) – O carmelito feminino: *Cecília do Nascimento* [🔗](#)
- 21 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 21 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Uma pausa para contemplar e orar com a criação [🔗](#)
- 21 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 21 a 29 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 22 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 22 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Tempo Pascal: *Tempo de misericórdia* – Fr. Marco, ocd [🔗](#)
- 27 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 27 a 1maí **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 28 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 28 a 30 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos [🔗](#)
- 27 a 1maí **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)

Agenda maio 2023

- 1 a 20 **V. N. Gaia** (Redentoristas) – Curso: Para uma Teologia da Imagem – o mundo simbólico dos ícones [🔗](#)

- 2 **Porto** (C. Cultura Católica) – O discernimento em contexto de sinodalidade – Alexandre Duarte [🔗](#)
- 5 a 7 **Fátima** (Domus Carmeli) – Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade [🔗](#)
- 5 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 6 e 7 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 8 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico [🔗](#)
- 8 **Fátima** (Santuário) – Recolção – Marta Couto [🔗](#)
- 9 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 11 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 11 a 14 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 12 a 14 **Braga** (Casa de Soutelo) – Orando com Maria [🔗](#)
- 13 a 16 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Dia de retiro para doentes e cuidadores [🔗](#)
- 14 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – A missão dos avós: dia de formação, oração e convívio [🔗](#)
- 15 **Lisboa** (Ig. Alto do Lumiar) – Formação sobre a Morte e Ressurreição: *João Lourenço* [🔗](#)
- 17 **Carregosa** (Centro paroquial) – Formação: *A Liturgia Eucarística: da realidade ao rito* – Ir. Fabrício Souza [🔗](#)
- 18 a 21 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 18 a 26 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais [🔗](#)
- 19 a 21 **Fátima** (Domus Carmeli) – 3.º módulo da Escola de Maria: «De Mãe a Discípula» [🔗](#)
- 19 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Rezar com os ícones [🔗](#)
- 19 a 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Logoterapia e análise existencial – I [🔗](#)
- 20 **Braga** (Carmo) – Encontros com a Palavra (reflexão, diálogo e oração) – Fr. Francisco Maria [🔗](#)
- 20 e 21 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos [🔗](#)
- 25 **Online** – Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd [🔗](#)
- 26 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*) [🔗](#)
- 26 e 28 **Braga** (Casa de Soutelo) – Eneagrama – I [🔗](#)
- 27 **Braga** (Carmo) – Tarde com Deus [🔗](#)



MÍSTICA E MÍSTICOS

Introdução

DOIS MÓDULOS

28 a 30 de abril 2023

16 a 18 junho 2023

AULAS | WORKSHOPS | ORAÇÃO



ORDEM DOS
CARMELITAS
DESCALÇOS



Informações | Inscrições

www.mistica.carmelitas.pt

DOMUS CARMELI

Rua Imaculado Coração de Maria, 17

2495-441 - FÁTIMA

Contacto: 249 530 650

domus@domuscarmeli.net

A cruz, palavra de amor

Armindo Vaz, OCD

“Jesus fez esta pergunta aos seus discípulos...: E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). A «resposta anda a soprar ao vento» (*The answer is blowing in the wind*) – canta Bob Dylan. Mas quer ser apropriada por cada pessoa, estudada, meditada, orada em silêncio e dada com alma. Qualquer conhecedor da fé cristã poderá confrontar-se com ela. Por sua parte, Pedro respondeu com uma solene profissão de fé: “Tu és o Messias/Ungido, o Filho de Deus vivo” (Mt 16,16). Mas este é o mesmo Pedro que logo a seguir pretendeu impedir Jesus de avançar para a morte na cruz (“Senhor, isso nunca te acontecerá!": v. 22), porque ainda não a compreendia: não tinha da vida a necessária visão global. A adesão a Jesus tem algo de dramático, porque, ou damos sentido à vida com ela ou sentimos o fracasso recusando-a. E, se lhe queremos dar sentido, não o podemos fazer sem a cruz, porque ela está esculpida na noite da dor que a vida humana integra juntamente com o dia.

Como para Pedro, tampouco para os discípulos a morte de Jesus na cruz era revelação plena de Deus: como é que Deus se poderia revelar numa morte trágica? Mas Jesus tinha sido claro: “era necessário ele partir para Jerusalém, sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, ser morto e ressuscitar ao terceiro dia” (v. 21). Este final da história de Jesus aqui anunciado por ele torna-se aos olhos de muitos humanos uma história sem futuro. Só dá para falar de uma esperança frustrada, lacrada com a morte.

Mas, para Jesus, a morte na cruz é mesmo lugar de revelação. É neste registo que se entende a interpretação feita pelo Ressuscitado aos discípulos a caminho de Emaús: “não era necessário que o Messias padecesse estas coisas e entrasse assim na sua glória?” (Lc 24,26). Necessário? Porquê? Porque o Pai o tinha mandado vir à terra para morrer? O sofrimento e a morte foram impostos por Deus a Jesus? Pensar assim, seria, como mínimo, herético: uma imagem perversa de Deus. Isto faz lembrar o profeta Isaías (53,10): “aprouve ao Senhor esmagá-lo com o sofrimento”. Deve-se ler, não como se Deus o quisesse fazer sofrer, mas neste sentido: se Jesus continuasse fiel a Deus e bom para com as pessoas, viria a conhecer o sofrimento por parte dos malvados poderosos, incomodados com a mensagem libertadora. A vida que acabou na cruz foi o resultado de uma vida a fazer o bem segundo a vontade de Deus e a denunciar o mal que os poderes estabelecidos faziam. Jesus não quis que o matassem, nem quis sofrer ou morrer. Até resistiu a beber aquele “cálice”: “Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice” (Mt 26,39). Mas a um dado momento a sua morte cruenta tornou-se um facto inevitável, necessário, para revelar de forma suprema até onde chegava o amor de Deus pela humanidade. Foi na aceitação da morte por amor que Jesus “manifestou a sua glória”, ou seja, quem era ele, e revelou em plenitude a glória de Deus, ou seja, que Ele é amor.

É por isso que a cruz é símbolo do cristianismo: não por ser patíbulo de morte ou instrumento de suplício para



Crucifixão

Rafael Sanzio – National Gallery - Londres

executar um condenado, nem por ser trono de infâmia que expõe ao vento dos transeuntes a dilaceração interior de um fracassado. Simboliza o cristianismo por ser o lugar da revelação superlativa do amor humano sem conta nem moderação ou condição: revelação de tanto amor que este teria de ser também divino, sugerindo que quem assim morre de amor só pode ser Filho de Deus. E revela que Deus é um “Deus para nós” e um “Deus por nós”. Num mundo de injustos, o justo é rejeitado e tem de padecer, como resultado, seja de aceitação, seja de rejeição. Num mundo injusto, o inocente tem um fim injusto. Jesus morreu de morte cruenta, não por vontade de Deus, mas por vontade dos poderes políticos iníquos: não foi vítima do Pai, foi presa fácil de criminosos; o Pai aceitou-lhe a morte como redentora, por a ter aceitado por amor. Jesus salvou os humanos pelo amor com que se deixou livremente morrer. E porquê os injustos se voltam contra o sumo Inocente? Porque ele está do lado do bem; porque ele revela amor aos que estão do lado do ódio. “Quantas mortes são precisas para eles saberem que já morreu demasiada gente?” – continua Bob Dylan a cantar. Para eles saberem, não foi suficiente a morte inocente de Jesus.

É preciso, porém, compreender que, se Jesus não tivesse aceitado morrer, não teria revelado Deus tal como Ele é, diferente de como muitos o imaginavam ou queriam que Ele fosse. O imenso amor levou à imensa dor e a dor, por sua vez, revelou o imenso amor. Morrendo por amor, Jesus proclamou que viver é amar, mas amar é morrer, é não ser senão pelos outros e para os outros.

“E vós, quem dizeis que eu sou”? Não importa uma bonita frase decorada e floreada. Só uma resposta saída do nervo da vida, que também diga quem eu sou e me ligue com amor à cruz de Jesus é que será verdadeira e interessante. O amar de Jesus até à cruz também quer que o amado seja o que deve ser.

Mística e Místicos

Fátima, 28 a 30 de abril de 2023



O tema da mística apresenta uma enorme relevância na vida espiritual do ser humano, mas a sua compreensão é frequentemente equivocada e obscura. É sob este propósito que os Carmelitas Descalços vão promover um curso de "Introdução à Mística e aos Místicos", realizado no âmbito da mística cristã, e pretende ajudar os participantes a compreender melhor o que é a mística verdadeira, a sua relação com a vida espiritual e as suas características principais. «Partindo da experiência de Deus feita por aqueles que nos precederam, narradas na Bíblia e ao longo da História do Cristianismo, aprendendo a interpretá-las e percebendo melhor como é o ser humano na dimensão mística da sua existência, poderemos compreender melhor a nossa própria experiência do Mistério e perspectivar o itinerário espiritual a percorrer», refere a organização. Os dois módulos programados ocorrerão nos fins de semana de 28 a 30 de abril e 16 a 18 de junho de 2023. [🔗](#)

Ca(u)sa Comum: Uma Utopia?

XII Jornada de Teologia Prática, Braga, 1 de abril de 2023



A Faculdade de Teologia organiza a 1 de abril, em Braga, a XII Jornada de Teologia Prática com o tema: «Ca(u)sa Comum: Uma Utopia?». No programa para a manhã deste dia consta a intervenção de Isabel Varanda, Juan Ambrosio e João M. Duque que participam na mesa redonda sob o tema: «Topos de uma utopia no pensamento de Francisco» com a moderação de Joaquim Félix. O "Pórtico de Saída" será preenchido por Luís M. Figueiredo Rodrigues com os "desafios para a pastoral", seguindo-se uma nova mesa redonda onde participam Rui Alberto, Rita Veiga, Teresa Paiva Couceiro e Filipa Almeida. [🔗](#)

II Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade

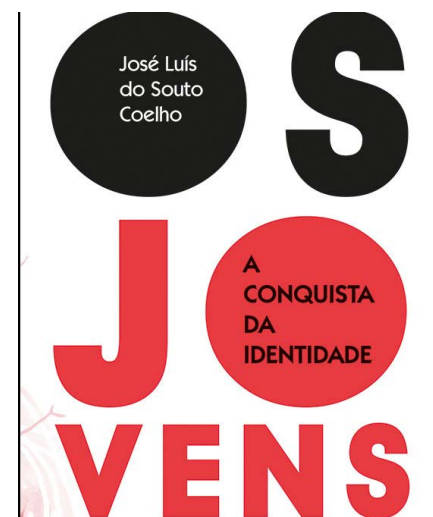
Fátima, 5 a 7 de maio de 2023



Os Carmelitas Descalços promovem as II Jornadas sobre Longevidade e Espiritualidade, a realizar em Fátima (Domus Carmeli) de 5 a 7 de maio de 2023. Esta atividade pretende refletir em torno de contributos científicos relevantes que ajudam a perceber o que importa valorizar para que a vida seja plenamente vivida. De acordo com a literatura, a espiritualidade proporciona um sentimento de pertença, de segurança e experiências de apaziguamento interior. [🔗](#)

Os jovens

José Luís do Souto Coelho



Na liberdade de voar para a plenitude, sabemos que nos podemos perder ou ficar a meio caminho da meta. Este livro é uma espécie de mochila pedagógica que te pode acompanhar durante o percurso – repleta de materiais para apoiar o trabalho com jovens, servindo de ferramenta para pais, educadores, animadores de grupos e para todos aqueles que desejem ter um papel mais ativo no crescimento pessoal e comunitário. **Publicação:** Edições Carmelo [🔗](#)

claustr

Não é a cruz. É a aceitação da cruz. Rui Guerra, professor e Carmelita Secular, contrapõe a injustiça que temos face aos acontecimentos do mundo nos apresenta e a que Jesus fez no seu tempo, terminando por referir que «Jesus não formou, que se saiba, nenhum sindicato ou organização civil para lutar pelos direitos dos oprimidos. A sua única proposta foi permanecer no Bem». [🔗](#)

Em busca de um novo modelo científico para as dinâmicas naturais. «O modelo do clímax dos continentes mantém-se porque muitos grupos sociais, geralmente os mais favorecidos, querem olhar para uma paisagem vegetal ou rural como se fosse natural», refere Nicole Vareta, professora e Carmelita Secular, fazendo-nos ver que os efeitos da intervenção humana no ambiente natural iniciaram-se numa época muito mais remota do que se pensava anteriormente, ou seja, quando os meios naturais dos continentes se encontravam ainda num estado de instabilidade, subsequente à subida do nível do mar. [🔗](#)

Mãos vazias*

Frei João Costa, OCD

Teresa Martin viveu tão-só 24 anos. O fechar dos seus olhos (1897) quase coincide com o cerrar do século XIX. Passado o séc. XX, e quase no fim do primeiro quartel do séc. XXI, os jovens de hoje estão, ao contrário dela, apenas a acordar para a vida.

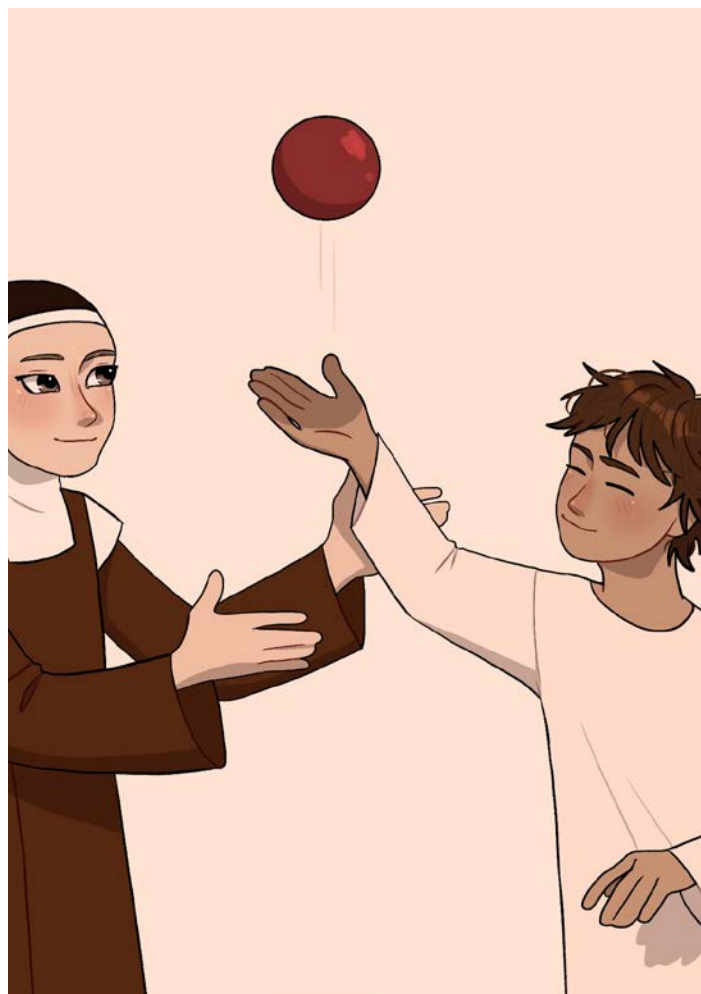
A não poucos surpreendeu a eleição de Teresinha para o calendário evocativo da UNESCO: primeiro, porque o proponente era a França, país laico por antonomásia que ousava relevar este tão proeminente ícone da Igreja Católica; e, segundo, por prescindir evocar Gustave Eiffel (1832 – 1923), no centenário da sua morte! Na verdade, porém, o olhar que sobre ela se propõe é o de alguém que merece ser celebrado porque «mulher de cultura, de educação e de paz».

O que nos calha perguntar é: o que de relevante fez esta jovem mulher para que o 150º aniversário do seu nascimento mereça ser universalmente recordado? E mais ainda: onde aprendeu ela, a fim de que possa erigir-se como referência para a sociedade em geral (e modelo imprescindível para a espiritualidade cristã, em especial)?

Fique dito de início: Não frequentou nem Harvard, Sanford ou Cambridge, nem o MIT, Berkeley ou Princeton. Não, nada. Apenas o ensino básico, e este inconcluso. E a casa de uma ama até aos 16 meses; o colo da mãe – «uma educadora espiritual de excelência!» – até aos quatro anos e pouco; e a atenção das irmãs mais velhas que, até aos nove anos, lhe ministraram os rudimentos do conhecimento. Ao ingressar no colégio das Irmãs Beneditinas, ali se revelou como a melhor aluna da turma, com especial predileção para a narrativa e o catecismo. Era ali, porém, vítima de bullying; e isso, mas sobretudo, a violenta rutura advinda da separação da sua segunda mamã, Paulina, prostra-a tão violentamente, com tão frequentes dores de cabeça e de corpo, a que haja de associar-se a permanência invencível de um sentimento de escrúpulos e de uma imbatível tristeza, que levou a que não concluísse a escolaridade obrigatória. Cuidadoso e preocupado, o sr. Louis Martin, porém, jamais se poupou para que a filha tivesse aulas particulares.

Dizem os biógrafos que depois da morte da mãe tardou dez anos a curar-se, sofrendo de perneio, como sucede com todas as crianças, um sem número de naturais sucesos que ora a revigoravam, ora por demais a submergiam e entorpeciam. Se a entrada de Paulina, e depois, de Maria, no Carmelo, a prostraram, muito a espevitaram as explicações da primeira, quando esta, conscienciosa e atempadamente, lhe descreveu o que era o dia a dia do Carmelo; então, para si mesma, logo Teresinha intuiu ser algo belo, porque só pode ser bela a vida com Jesus e só para Jesus! E concluiu ser esse, também para si, o seu destino.

Donde, pois, lhe veio a sabedoria que a constituiu como mulher de cultura (e doutora da Igreja)? Ao arrepio de tudo o que possamos imaginar e até aceitar — a realidade não nos dá pé para algum viés —, esta chega-lhe por vias inesperadas e por veios hoje tidos por impossíveis de assumir pela nossa sociedade: a frequência da dor e do sofrimento



ao longo dos seus curtos dias — não foi a sua vida uma contínua e dolorosa separação, para mais amplificada pelas cordas da sua hipersensibilidade? Sim, as rupturas, as separações, as mágoas e os sofrimentos atrozes foram o duro pão do seu dia a dia, do qual se alimentou para crescer a alturas inauditas; e ainda: uma vida familiar carinhosa e piedosa — onde se lia e rezava todas as manhãs e fins de tarde, além das habituais passagens pelas igrejas de Lisieux para breves momentos de adoração! —; uma sofrida e inacabada vida escolar — «os piores dias da minha vida!» —; uma mãe atenta e exigente; umas irmãs mais velhas cuidadoras; um pai encantador que, inclusive, na viuvez, soube ser pai e mãe, e que só de o ver rezar dava para ver como «como são os santos»; o silêncio, a contemplação, e a abertura ao rio da graça que a discreta vida abscôndita do Carmelo proporciona a quem aquele jardim é chamado!

O escopo de Deus é a santidade dos seus filhos e filhas; os meios, os que Ele dispõe, e a vida a cada um concede. Não por acaso ao olharmos para Santa Teresinha nos dispomos a aprender que no fim da escola da vida o que Deus mais em nós aprecia são «as mãos vazias». Tudo o que haja para saber e aprender é o que Ele lá, grátis, possa dispensar. Por isso, a concluir, propomos que ouça Jesús Adrian Romero cantando *Con Manos Vacías*, em <https://www.youtube.com/watch?v=2LwBFKH2cUI>.

* Publicado no Diário do Minho de 2 março 2023

Um violino no Carmo

Frei João Costa, OCD



1. Ao cumprir um ano da Tomada de Posse da Arquidiocese de Braga, D. José Manuel Cordeiro subiu ao Carmo — foi no passado dia 12 de fevereiro de 2023. Quase se poderia dizer que peregrinou, pois chegou a pé, ledado descendo a rua do Carvalho. À porta da nossa igreja cumprimentou as muitas pessoas que o aguardavam, afectuoso saudou o *Santo Fradinho*, rezou, abraçou a comunidade e connosco celebrou a Eucaristia daquele domingo. Esta quase inesperada visita tinha uma razão de ser: rezar; rezar com a sua comunidade do Carmo, com este pequenino redil que aqui tem neste jardim. E também para dar graças a Deus connosco, pelos 60 anos da restauração da nossa presença carmelitana em Braga; ao não poder fazê-lo no dia próprio — na sexta-feira seguinte, 3 de março — D. José veio, solícito, e pôs-nos a celebrar a efeméride em antecipação.

2. A data da fundação do convento do Carmo de Braga é 1 de fevereiro de 1652, dia em que Frei José do Espírito Santo, bracarense ilustre, tomou posse de umas casas no Campo de São Sebastião das Carvalheiras, à freguesia da Sé, e nelas, descalços, os Carmelitas ali entrámos e iniciámos a vida regular. (O investigador Pe. Marco Caldas aventa, porém, a hipótese, de que a vida carmelitana possa ter sido iniciada em Braga algo mais cedo, depois do achamento feliz de uma carta de Frei André da Encarnação datada de 9 de julho de 1639, que a isso dá pé; e a não ser assim, crê aquele, no mínimo, as diligências para a nossa vinda para a cidade arcebispal chegar-se-iam àquela data e não a alguma outra mais tardia!).

3. Posteriormente, depois de haver comprado uns terrenos fora das vetustas muralhas da cidade, situs «*ao fundo da rua do Carvalho, e princípio da rua do Lameiro*», o fundador e prior primício do Carmo, Frei José do Espírito Santo, lançou a primeira pedra do actual convento, no dia 4 de novembro de 1654.

4. Em menos de um ano as obras tinham crescido o suficiente para albergar os Carmelitas, de tal forma que no dia 22 de outubro de 1655, o fundador mandou que se procedesse ao ingresso no novo convento, o que se fez com uma solene procissão do Santíssimo, desde as Carvalheiras para o Carmo.

5. O andamento inicial da vida carmelitana foi muito precário; tenha-se em vista, por exemplo, que a conclusão da igreja, depois de erguida a portada, demorou quase 150 anos, pois só foi concluída em 1695, mercê de uma piedosa ajuda do Senhor Arcebispo D. José de Meneses, que faleceria nos inícios do ano seguinte! Por simpatia, o demais, celas, anexos e diversos outros acondicionamentos mostravam-se e prolongaram-se muito modestos, pobres, mesmo.

6. Pese embora o desprovemento de confortos, desde as primeiras horas, porém, a vida desta comunidade ficou marcada pelo atencioso cuidado do confessor, pela dedicada vida pastoral entregue à pregação, à oração e contemplação, e pela entrega à docência neste seu colégio superior onde se ensinou filosofia, teologia e moral em ordem à formação de novos sacerdotes carmelitas descalços. E se aqui ensinaram mestres célebres, daqui também partiram missionários com o Evangelho ardentemente no coração; partindo daqui cruzaram mares, adentraram-se pelos perigos de selvas e de desertos sem olhar a desconfortos, nem a empecimentos de frios ou calores, nem a tantos outros constrangimentos, só por que eram acesos carvões da Palavra que liberta.

7. Também as glórias dos claustros deste mundo são efémeras. E assim foi que por um decreto governamental de 26 de maio de 1834 o governo do reino procedeu à extinção das Ordens Religiosas, pelo que também neste Carmo de Maria se encerraram as portas à vida conventual. Foi seu último prior Frei João das Dores, com quem ou a mandato de quem desapareceram os objectos do culto. Por essa razão, segundo parece, no dia 19 de maio de 1834, as autoridades entraram no Carmo e inventariaram móveis e imóveis, assim sumariados: «*objectos de adegas, dispensa, celeiro, cozinha, dispensa de louça (da fábrica do Porto) e roupa, trastes de pau, botica [...] livraria*».

8. De 1655 a 1834 residiram no claustro carmelita bracarense vários ilustres religiosos: o fundador, Frei José do Espírito Santo, Frei Luis de Santa Teresa, Frei João da Cruz, Frei Cristóvão dos Reis; Frei Inácio de São Caetano; Frei João d'Ascensão — o muito famoso e jamais olvidado *Santo Fradinho do Carmo*, e outros muitos, cujos méritos

e virtudes comporiam generoso elenco que honraria galerias bem mais lucentes que a deste Carmo.

9. Desclaustrados de Braga e de Portugal (ou no mínimo, impedidos de viver em comunidade ou de se mostrarrem revestidos da libré carmelitana) os Carmelitas Descalços só restauraríamos o nosso estilo de vida nas terras de Santa Maria no decorrer do ano de 1929; e em Braga, a 3 de março de 1963.

10. Depois da expulsão das sandálias dos Descalços de Braga, o convento e sua cerca, segundo nos demonstrou a professora Maria da Conceição Ferraz de Sousa Gama, foram arrematados pelo senhor Governador Civil de Braga, Dr. António Vieira de Araújo, no dia 17 de junho de 1843, pelo valor de 54.000 reis; foi sua herdeira D^a Maria das Dores Vieira de Araújo, solteira. No ínterim de 1834 a 1913 o convento serviu como hospital militar, vindo, entretanto, a ser comprado àquela, em 1881, por Francisco Lopes Ferraz, um *brasileiro de torna viagem*, e posteriormente vendido, por herdeiros deste, em 14 de fevereiro de 1930, a D^a Maria José Ogando que, vindo da vila do Prado, ali instalou, e por várias décadas manteve aberto o Colégio de Dublin, até quase aos inícios do séc. XXI; por sua vez, a cerca conventual que destinada fora, inicialmente, para cemitério, viu gorada tal finalidade, pelo que o mesmo *brasileiro de torna viagem* nela construiu um palacete típico do traçado dos brasileiros; a igreja ficou, entretanto, aos cuidados da Real Irmandade de Nossa Senhora do Carmo que viria a cedê-la aos Padres Carmelitas Descalços, com o acordo do Senhor Arcebispo D. António Bento Martins Júnior, do Presidente da Irmandade do Carmo, Senhor António (?) Granja, e contando ainda com a assinatura do Delegado Provincial, Pe. Isidoro da Nossa Senhora do Carmo Maguna.

11. Entretanto, à Real Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, se ficaram a dever importantes melhoramentos na nossa bela igreja do Carmo que aquela zelosamente cuidava desde 1865; a saber: a construção da actual tribuna e da actual fachada, que se ergueram com as esmolas oferecidas pelos romeiros e peregrinos à sepultura do *Santo Fradinho do Carmo* durante décadas a fio.

12. Desclaustrados que fomos, a Igreja do Carmo logo ficou ao cuidado do capelão de turno nomeado pelo Senhor Arcebispo; vários foram, portanto. E talvez o mais célebre tenha sido o Pe. João Pedro Airoso (1836-1931) — Monsenhor Airoso — que, ainda jovem, «*era dos poucos que aqui se dignou confessar*» e que, um dia, ao escutar uma confissão de uma mulher que desejava sair dos grilhões da prostituição, a si mesmo se interrogou: «*Que posso eu fazer pelas mulheres que aqui se achegam nesta situação?*»; e foi assim que no Carmo brotou o Instituto Monsenhor Airoso, que na primeira hora recebeu o nome de Casa d'Abriço!

13. A igreja esteve ainda entregue aos Padres Franciscanos, que a seu cuidado já detinham Montariol, e as capelarias dos Terceiros e a da Penha (?). Não era pouco o trabalho nem menores os cuidados. Aqui foram eles capelães «*por mais de quarenta anos*», pelo que se entrega da igreja aos Carmelitas se deu em 1963... Consta ainda que, ao menos nos últimos tempos, «*nem sempre aqui celebravam missa ao domingo, e isto sem prévio aviso ao povo!*; e *aqui confessavam mui raramente*», pelo que à data em que a recebemos, se pode considerar que a Igreja do Carmo se

encontrava quase fechada e ao abandono. E o todo não era bonita de se ver...

14. O restauro da vida dos Carmelitas em Braga muito se deve ao interesse e diligência da Irmandade do Carmo, nas pessoas dos senhores Joaquim Costa Duarte (tesoureiro) e Francisco da Cunha Ferreira (secretário), com a anuência do presidente da mesma, Senhor Granja. E não menos se deve à oração, inteligente diligência e apurada diplomacia do Pe. Isidoro Maguna.

15. Se o povo da cidade, a Irmandade do Carmo e os Padres Franciscanos chamaram e anuíram à presença dos Carmelitas Descalços, já não assim outros que, por serem quem eram, detinham maior responsabilidade nas coisas de Deus e da Igreja.

16. Os primeiros habitantes do Carmo restaurado foram o Pe. Romão de Jesus Crucificado Knorr e o Irmão Francisco Xavier da Imaculada Conceição, quem receberam a incumbência de preparar a igreja e as adjacências «*limpando-as do pó que ao longo de 129 anos se tinha ido lentamente depositando em muitos lugares, a fim de permitir uma digna entrada das capas brancas dos carmelitas*».

17. No domingo 3 março de 1963, pelas quatro da tarde, na presença de muitos Irmãos da Real Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, de muitos surpresos bracaraenses que de novo fizeram fervilhar as ruas do entorno do Carmo, de muitos Terceiros Carmelitas e de muitos Confrades dos Escapulário do norte do País, dos filósofos do Santuário do Menino Jesus de Praga (e entre eles, o Pe. José Carlos Vechina), e dos seminaristas do Seminário Missionário Carmelita de Viana do Castelo, com primacial pontualidade, o Delegado Provincial recebeu à porta da igreja Sua Excelência o Senhor Bispo Auxiliar de Braga D. Francisco Maria da Silva que logo entrou no templo e celebrou missa; e que na sua alocução com «*sentidas palavras não regateou elogios ao bem espiritual que futurava com a entrada nos Carmelitas Descalços em Braga*».

18. Desde a nossa chegada, em 1963, até ao ano de 1986, a mais relevante marca pastoral desta comunidade do Carmo de Braga foi a fiel e pressurosa atenção ao confessional — o que, com toda a naturalidade, se tem prolongado no tempo; de facto, a diário, mas mais relevantemente nos tempos fortes do Advento e da Quaresma, o Carmo era demandado por milhares de pessoas que aqui pontualmente vinham confessar-se — foram e são milhares de milhares de horas ininterruptas a ouvir, abençoar e a enxugar lágrimas.

Depois de umas obras de urgente requalificação e adaptação da casa, do outono de 1987 ao verão de 1996, a comunidade gratamente assumiu a responsabilidade de acolher e formar os jovens postulantes da nossa Província Carmelitana, isto é, os jovens candidatos na sua primeira fase de formação e inserção na vida de carmelitas descalços. E de 1991 a 2011, ocupou-se ainda da condução dos destinos da comunidade paroquial de São Vicente.

Não é de somenos registar o que o cronista escreveu no fim do ano de 1984: «*distribuíram-se na nossa igreja ao longo deste cerca de 50.000 comunhões*»; e em 1985, escrupuloso, e mais assertivo, registou: «*distribuíram-se mensalmente cerca de 4.000 comunhões, e nos meses em que caiu a Páscoa e o Natal, mais de cinco mil*».

19. Porque é típico do carmelitanismo as nossas igrejas serem de portas abertas – mesmo numa cidade com muitas igrejas – além da celebração do sacramento da reconciliação sempre à nossa porta bateram com frequência, e foram recebidos com solicitude, todos quantos exigiram um tempo de escuta qualificada; tanto ontem como hoje. Procurando responder a estes e outros anseios, especialmente dos muitos adolescentes e jovens, em 1969 nasceu o Grupo Coral e Instrumental do Carmo, que se mantém activo, e cuja existência e animação musical incomodou as aves mais canoras e os tubos mais selectos de Braga. Além do acompanhamento deste grupo houve depois de acompanhar-se o grupo de oração e canto – Apocalipse – nascido em Maio de 1989, e que também ainda se mantém em exercício. Este grupo nasceu da vertigem da nossa acção pastoral com jovens, primeiro com o Movimento Shalom — 1970 a 1995 —, e depois, noutro modelo, e de forma mais alargada, na colaboração com a pastoral juvenil da cidade (1986-1996) ao ponto de, mensalmente, se reunirem na nossa Igreja do Carmo, em rotação com alguma outra capelania desta cidade arcebispal, cerca de um milhar de jovens rezando «*ao estilo Taizé*». Aliás o Carmo foi a porta de entrada da espiritualidade de Taizé em Braga; e os do Carmo foram os primeiros, e só depois, os muitos outros jovens bracarenses, a peregrinar (agosto, 1990) àquela localidadezinha da Borgonha francesa, que se atreveu a sonhar com o Irmão Roger uma maneira outra de se ser Igreja.

20. Entretanto, e porque o santo Espírito, generosa e gentil força de amor, tira coisas velhas e coisas novas de velhos baús que na casa haja, no ano de 2008, uma fraternidade de irmãos seculares começou a caminhar connosco, sob a invocação de Santa Teresinha do Menino Jesus.

21. E depois de havermos cruzado a dolorosa travessia do deserto da covide, o longo ano de 2021 esplendeu em outubro, com a oportunidade de resgatar a figura de Frei João d'Ascensão, o *Santo Fradinho do Carmo* (1787 – 1861), através da publicação de um livro biográfico – O Resgate – e da construção de uma estátua posicionada defronte da nossa igreja. É justo referirmos que, em seus dias, este santo varão foi carmelita descalço inteiro, jamais desvestindo o hábito do Carmo, mesmo quando correu risco de prisão, e foi preso; também não pode jamais ser esquecido que o povo, especialmente o de Braga, mas também o de Coimbra, Évora e Lisboa o tratou como mestre, Mestre Neiva. É ainda mui notável de registar que na memória das pessoas mais antigas da freguesia de São Vicente, de São Romão de Neiva e não só perdura ainda hoje uma suave fragância do *Fradinho do Carmo* como o amigo e benfeitor dos pobres.

As celebrações da efeméride dos 160 anos da sua morte mexeram com Braga e Viana do Castelo.

É ainda justo referir que tendo *O Fradinho* morrido no dia 16 de março de 1861, sábado, dia de Nossa Senhora, foi sepultado no dia 18, depois dos bracarenses terem corrido ao Carmo para dele se despedirem. A sepultura foi aberta no chão da igreja, junto à grade do presbitério, do lado do Evangelho, e ali ele descansou até ao verão do ano de 1969. Temos, pois, por certo, e é, aliás, sabido, que por mais de cem anos, no escuro chão da Igreja do Carmo, brilhou uma lâmpada que vontade alguma, mesmo se arcebispal, jamais conseguiu apagar; antes, ao revés, mais

e mais gente aqui atraiu e encandilou. Foi naquele infausto verão que a comunidade se decidiu pela instalação de um soalho novo na igreja. E, conseqüentemente, foi também nessa data que os ossos do *Santo Fradinho* dali foram retiradas e trasladadas para a Capela das Relíquias, adjacente e com entrada pelo templo. Na sequência desta transladação a pedra tumular levou indocumentado e misterioso sumiço; apesar de tudo, porém, a presença das relíquias do *Fradinho* ficou ali identificada por uma lápide na parede da referida capela. Posteriormente, as obras de requalificação dos anexos do Carmo – iniciadas em meados de 1987 – levaram a novo reposicionamento das relíquias do *Fradinho*, para o lugar em que hoje se encontram: um anexo da sacristia.

22. Na sua primeira visita ao Carmo, no dia 12 de Fevereiro de 2023, o Senhor Arcebispo D. José Cordeiro dirigindo-se aos fiéis que enchiam o templo saudou e agradeceu aos Padres Carmelitas Descalços «*o muito bem que têm feito à Cidade e à Arquidiocese mantendo vivo o seu carisma*». Desde o ambão e tendo diante de si a porta que se abria para a Rua do Carmo — onde o tráfego de carros e de pessoas não cessava de subir —, D. José agradeceu ainda «*a paz que deste templo irradia e daqui corre em benefício de todos desta cidade e mais além, crentes e não crentes*» e estimou que «*a bela luz branquinha da Senhora do Carmo nunca aqui se apague*».

23. Rezam as crónicas orais da comunidade que ao longo destes últimos 60 anos, nem sempre a vida dos Carmelitas Descalços de Braga foi fácil, e que em algum momento se houve de vender os anéis para não se perderem os dedos e se manter a cabeça erguida. (Ainda entre nós vive e reza quem aqui, por anos a fio, passou apertos vários e indigências sublimes — aliás, como as demais famílias pobres da cidade; e mais declara aquele que se mais houvera de mais passar, mais passaria. E não duvidamos que fale verdade, mesmo se positivamente no-lo disse mais que uma vez, embora não precisemos de ser muito sábios que o não adivinhássemos com inteireza.)

24. O primeiro prior do Carmo de Braga restaurado foi o Pe. Dario do Santíssimo Sacramento (1963-1965), que era músico e tocava violino; não era virtuoso, e até, dizem, era mais santo que músico. Naquelas assaz mui duras horas primeiras, e de continuado aperto, felizmente, nunca o Padre Dario e os seus companheiros tremeram perante as tribulações que as sucessivas comunidades aqui houveram de sofrer. Isso os de hoje temos muito presente, e prometido está lembrá-las sempre; e jamais esquecê-las, porque elas costumam ser mais incentivo que empecilho. Mas lá que houveram e há dificuldades, isso sim; é o de sempre, pois nunca a fagueira nau falha agreste tempestade que a desafie. Conta-se, aliás, que nas alturas de maior afogo, pronto o Padre Dario se revestia de hábito e de capa branca, puxava do violino e, terno e confiante, ia para o presbitério da igreja dar música e encantar o coração da Senhora do Carmo.

25. É esse também hoje o nosso espírito. Venha o que vier, suceda o que suceder, traga o futuro no ventre o que quiser trazer, aqui queremos continuar a cantar, com alma, os louvores da excelsa Virgem Mãe e Irmã do Carmo. Assim Deus também aqui nos queira.

Amen.